

PSEUDÔNIMO: **TIGRE DO PONTAL:**

## ***I CONCURSO DE CONTOS E HISTÓRIAS DO FISCO***

Hoje, após o fechamento dos Postos Fiscais, torna-se hilariante recordar as facetas ocorridas em épocas passadas.

O relato apresentado aconteceu em janeiro de **1997**, e o local, não poderia deixar de ser o famoso e tão comentado **POSTO FISCAL PONTAL DO TIGRE**, oficialmente denominado como Posto Fiscal Porto Felício.

Estava escalado (eu, um administrativo, e um funcionário da Claspar) para prestar plantão de 48 horas, com início às 10h00min, e como chovia torrencialmente, liguei para o Posto no dia anterior, aproximadamente às 21h00min, e o Chefe do Posto me informou que o nível do Rio Paraná estava subindo, porém era impossível deixar de fazer o plantão, e que eu deveria ir com o veículo do Estado até onde era o antigo Posto Fiscal (05 quilômetros antes do atual), que lá estaria alguém para me levar até o Pontal do Tigre. Neste local tem um rio que já não se passava com veículo pequeno tendo em vista a elevação do nível da água, lembrando também que o trajeto de Querência do Norte até Posto Fiscal, eram 32 quilômetros sem asfalto.

Chegando ao local combinado, fui informado que o caminhão basculante da Prefeitura de Querência do Norte, que estava retirando (evacuando) os moradores ribeirinhos da região do Posto Fiscal, iria nos levar para a troca de plantão.

No caminho para o Pontal do Tigre, encontramos o Chefe do Posto que estava indo embora em uma canoa. Lá chegando, notamos que o nível do Rio Paraná, já estava no 2º ou 3º degrau, de um total de 12 degraus, da escada que dava acesso ao Posto Fiscal, e fomos informados que Chefe do Posto determinou que deveríamos cumprir o horário do plantão, porque se deixássemos o Posto fechado, o mesmo corria o risco de ter os bens roubados pelos ilhéus (moradores das ilhas).

Durante as próximas 48 horas, a agonia foi total, o nível do rio não parou de subir até o final do plantão, chegando a ficar aproximadamente 50 cm do piso do Posto Fiscal, que era elevado a uma altura aproximada de 3 metros.

A balsa passava a uma distância de aproximadamente 500 metros do Posto Fiscal, indo atracar no local onde pegamos o caminhão basculante, e um funcionário da balsa, vinha de canoa até o Posto, e sem descer da canoa, entregava as Notas Fiscais dos veículos que estavam na balsa, para serem carimbadas.

Neste período o pânico foi total, ninguém dormia com medo de acontecer o pior em relação ao Posto, pois a correnteza da água passava ao lado do Posto Fiscal, e tínhamos medo de poder vir um tronco de árvore, podendo até derrubar o Prédio, caso batesse nos pilares de sustentação do mesmo, que era elevado, além do que, durante este período foram jogadas na água, duas cobras que ficaram enroscadas na torre da Celepar que ficava ao lado do Posto Fiscal, uma delas, com 2 metros de comprimento aproximadamente, e, estava acomodada dentro da calça do funcionário da Claspar, sendo que a cobra entrou por uma das pernas e saiu pela outra perna da calça, ficando com o rabo e a cabeça fora das pernas da calça.

O responsável pela Copel nos ligou e pediu que quando o nível da água chegasse a 10 cm. do fundo da caixa padrão da Copel, deveríamos desligar o disjuntor, para que não acontecesse o contato com a água, estando a chave ligada, o que provocaria um curto-circuito. Porém não atendemos ao pedido, porque se o fizéssemos teríamos que passar a noite no escuro, o que seria mais arriscado para nós. Quando terminou o plantão o nível do rio estava uns 05 cm. acima da parte inferior da caixa padrão, porém por nossa sorte, sem ocorrer o desligamento por curto-circuito que poderia ser provocado pelo contato com a água.

Outro fato estranho, é que para fazermos as necessidades fisiológicas, tínhamos que entrar na água, pois o banheiro ficava na parte baixa do Posto Fiscal, e era impossível fazer uso do mesmo.

Passamos 48 horas, (eu, o administrativo, o funcionário da Claspar e a Senhora que fazia os serviços gerais no Posto) isolados do mundo, sem recursos de sobrevivência (não tínhamos sequer, um colete salva-vidas), tão somente nos comunicando via telefone e rádio-transmissor, e para usar em caso de emergência, caso acontecesse uma situação pior, um bote de madeira de construção artesanal com dois remos.

Findado o plantão, a nova equipe de plantonistas, chegou de canoa, e com autorização do Chefe do Posto, para tirar tudo o que tinha no Posto para levar nas dependências do Posto Fiscal Municipal, que ficava próximo a cidade de Querência do Norte, onde trabalharam por 30 dias até o nível do rio voltar ao normal.

Isto posto, chega-se a seguinte conclusão... depois de tanto sacrifício dos plantonistas para cumprir a obrigação, o mesmo Posto, tempos depois, foi desativado, e os Postos Fiscais construídos com estrutura e condições humanas de trabalho, também foram desativados e transferidos a outros Órgãos Estaduais, deixando-nos a

interrogação... Será que nos dias de hoje, poderia acontecer à mesma situação em havendo uma enchente nas proporções do acontecido na época?